

Biblioteca escolar: da educação ambiental à construção de uma cultura sustentável

School library: from environmental education to the construction of a sustainable culture

Fernanda May de Assis Nara

Graduada em Biblioteconomia pela
Universidade Federal do Pará (UFPA).
nanda961222@gmail.com

Marise Teles Condurú

Doutora em Ciências do Desenvolvimento
Socioambiental pela Universidade Federal do
Pará (UFPA). Professora adjunta da Faculdade
de Biblioteconomia da Universidade Federal do
Pará (UFPA).
marise@ufpa.br

RESUMO

O artigo tem como objetivo compreender a educação ambiental e sustentabilidade, identificando projetos de educação ambiental em bibliotecas escolares e analisar como o bibliotecário pode contribuir na construção de uma cultura sustentável. Pesquisa de natureza básica com abordagem qualitativa. Por tratar-se de pesquisa exploratória de caráter bibliográfico, utilizaram-se registros já publicados na Biblioteconomia, Educação e sobre educação ambiental de fontes conceituadas, tais como: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), Periódicos CAPES e, para uma maior abrangência, foi utilizado o Google Acadêmico. Constatou-se, a partir da literatura, que algumas bibliotecas escolares já exercem a função de catalisadoras da consciência ambiental por meio de projetos, sendo, função do bibliotecário facilitar o acesso à informação ambiental, utilizando métodos para tornar a biblioteca escolar um ambiente dinâmico e atrativo, buscando dar visibilidade a projetos voltados para a educação ambiental que envolvam não só a escola, mas também toda a comunidade ao redor. Concluiu-se que o bibliotecário contribui para a construção da cultura sustentável, utilizando as técnicas de reestruturação cultural, de iniciação instrumental e de ação cultural, exercendo sua função social, a partir do momento em que proporciona ao usuário a possibilidade de crescimento pessoal e disponibiliza seus direitos e deveres como cidadão, tornando-os seres pensantes críticos.

Palavras-chave: Educação ambiental; Biblioteca escolar; Sustentabilidade; Informação ambiental; Cultura sustentável.

ABSTRACT

To understand environmental education and sustainability, identifying environmental education projects in school libraries and analyzing how the librarian can contribute to the construction of a sustainable culture. Research of an applied nature with a qualitative approach. As this is an exploratory research of bibliographic character, records already published in the area of Librarianship, pedagogy and environmental education from reputable sources were used, such as: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Reference Database of Articles in Journals in Information Science (BRAPCI), CAPES journals and, for greater coverage, Google Scholar was used. It was found that there is little debate about environmental education in school libraries, however some of them already act as catalysts for environmental awareness through projects. The role of the librarian in the process of building sustainable culture is to facilitate access to environmental information, using methods to make the school library a dynamic and attractive environment, seeking to give visibility to projects focused on environmental education that involve not only the school, but also the whole community around. It was concluded that the librarian contributes to the construction of sustainable culture, using the techniques of cultural restructuring, instrumental initiation and cultural action, exercising its social

function, from the moment it provides the user with the possibility of personal growth and provides their rights and duties as a citizen, making them critical thinking beings.

Keywords: Environmental education; School library; Sustainability; Environmental information; Sustainable culture.

1 INTRODUÇÃO

O termo educação ambiental ganhou visibilidade em 1972, entretanto a teoria e a prática em educação ambiental têm se tornado cada vez mais relevantes para a atualidade, sendo um processo de conscientização individual e coletiva quanto às questões ambientais. Por meio da educação ambiental é possível exercer o direito ao acesso à informação ambiental de qualidade e, em linguagem adequada, contribui para o desenvolvimento da consciência crítica e estimula as ações ambientais e sociais. É um processo de natureza ética e política da sociedade (MOUSINHO, 2003).

É indiscutível que as metas globais acerca do desenvolvimento sustentável – econômico, social e ambiental – estabelecidas em setembro de 2015 pelos Estados-membros da Organização das Nações Unidas (ONU), conhecidas como Agenda 2030, são um novo marco para a Educação ambiental, pois, dentre os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), nove estão direta ou indiretamente ligados ao desenvolvimento sustentável ambiental. No relatório de Brundtland (1987, p. 47), afirma-se que, “para que haja um desenvolvimento sustentável, é preciso que todos tenham atendidas suas necessidades básicas e lhes sejam proporcionadas oportunidades de concretizar suas aspirações a uma vida melhor”.

O bibliotecário, como disseminador e mediador da informação, não poderia deixar de se envolver na busca por uma sociedade mais consciente. Neste contexto, é importante destacar a biblioteca escolar como uma ferramenta essencial para estratégias de longo prazo no que diz respeito ao desenvolvimento de competências à leitura, à escrita, à educação, à informação e ao desenvolvimento social e cultural (IFLA, 1999).

A biblioteca escolar está ligada diretamente ao desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo e prepara o cidadão para viver com responsabilidade (IFLA, 1999). No entanto, a biblioteca escolar precisa adaptar-se às questões de urgência local, nacional e mundial, atualizando-se e alterando a maneira como impacta a sociedade, deixando de ser apenas uma sala de livros didáticos, e assumindo sua missão de formação em competência

informativa para que a geração atual possa adquirir essa competência e catalisá-la ao longo da vida (SALES, 2004).

Dito isto, a pesquisa almeja responder à seguinte questão: como a educação ambiental nas Bibliotecas escolares pode contribuir para uma cultura sustentável, considerando o bibliotecário como o responsável por essa construção?

Diante do exposto, o objetivo geral desta pesquisa é contribuir para as discussões sobre a educação ambiental nas bibliotecas escolares. Como objetivo específico, esta pesquisa visa a: a) compreender a educação ambiental e sustentabilidade; b) identificar projetos de educação ambiental em bibliotecas escolares; c) analisar como o bibliotecário pode contribuir na construção de uma cultura sustentável.

A metodologia utilizada para se alcançar os objetivos da pesquisa é de natureza básica, e a abordagem do problema é qualitativa. Trata-se de uma pesquisa exploratória de caráter bibliográfico, pois se utilizou de registros já publicados para a sua construção. Foram feitos levantamentos em livros, artigos, legislação e manuais, tanto na área de Biblioteconomia quanto em Educação e sobre educação ambiental.

Este artigo está estruturado em seis partes, sendo a primeira esta introdução. Na seção 2, abordam-se a educação e informação ambiental, com ênfase à sustentabilidade e a cultura sustentável, enquanto na seção 3 tem-se a discussão sobre a biblioteca escolar e a atuação do bibliotecário no contexto ambiental, bem como projetos de educação ambiental em bibliotecas escolares. A metodologia é abordada na seção 4; enquanto na seção 5 é realizada análise sobre a cultura sustentável a partir da biblioteca escolar e o papel do bibliotecário. As considerações finais estão na seção 6, e, por último, os documentos que fundamentaram esta pesquisa na lista de referências.

2 EDUCAÇÃO E INFORMAÇÃO AMBIENTAL

A educação ambiental surgiu na década de 60. Inicialmente conhecida como ecologismo, foi criada em meio a grande movimentação sobre o uso indiscriminado dos recursos naturais, os grandes problemas com o uso de agrotóxicos, a poluição gerada pela indústria e a conseqüente degradação da qualidade de vida. O ecologismo surgiu no auge dos movimentos estudantis em 1968, na França, e foi considerado uma contracultura. Conquistou público nas grandes metrópoles, pessoas que buscavam melhorar a relação

do ser humano com seu ambiente natural. Seus praticantes eram idealizadores românticos que visavam atingir os países capitalistas centrais (CARVALHO, 2004).

O desenvolvimento da educação ambiental ocorreu juntamente com o movimento ambientalista, que na época restringia-se à conservação da natureza e ao combate ao desenvolvimento e à poluição industrial. A educação ambiental como instrumento globalizante foi adotada pelos grupos de pressão para conscientizar e dar poder ao cidadão, à comunidade, aos grupos profissionais e, por extensão, à sociedade como um todo, a fim de pressionarem os governos no sentido da adoção de políticas humanas e sociais justas orientadas pelo respeito às salvaguardas ecológicas (VIEIRA, 1986).

Diante da pressão da sociedade empenhada em melhorar as questões ambientais, a ONU, em 1972, realizou a Conferência de Estocolmo, na qual iniciou um grande debate sobre a racionalização e o uso consciente do meio ambiente, fazendo com que o tema entrasse também para a agenda internacional. Dentre diversos congressos e eventos que aconteceram a partir da conferência de Estocolmo, foi realizada, em 1992, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, no Rio de Janeiro, conhecida como RIO-92, a qual consolidou uma agenda global para o meio ambiente, conhecida como Agenda 21, que orienta no planejamento e na execução de ações que buscam um novo comportamento na sociedade moderna. Foi a partir daí que o planeta passou a ser olhado de maneira diferente e o homem se viu como parte do sistema interdependente que é o processo Homem x Natureza (CASCINO, 2007).

A educação ambiental foi conceituada pela Política Nacional de Educação Ambiental (Lei nº 9.795/1999) como processo que permite ao indivíduo e à coletividade a construção de valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, sendo essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (BRASIL, 1999). Na mesma linha de raciocínio, outra definição é apresentada por Mousinho (2003, p. 158), o qual afirma que educação ambiental é

processo em que se busca despertar a preocupação individual e coletiva para a questão ambiental, garantindo o acesso à informação em linguagem adequada, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e estimulando o enfrentamento das questões ambientais e sociais. Desenvolve-se num contexto de complexidade, procurando trabalhar não apenas a mudança cultural, mas também a transformação social, assumindo a crise ambiental como questão ética e política.

É possível notar que educação ambiental, em seus mais variados conceitos, é definida como um processo tanto coletivo quanto individual que abrange as questões ambientais de forma crítica. Desde a sua criação até os dias atuais é considerada como um ato político e social, derivado da manifestação de consciência coletiva. Está ligada diretamente à qualidade de vida da sociedade, à inserção de valores sociais e à implantação de uma conscientização a respeito das políticas ambientais. Caracteriza-se, assim, por ser interdisciplinar e por fomentar a sensibilidade afetiva.

Não há dúvida de que, conforme o avanço econômico e territorial aumenta, o meio ambiente fica gradativamente mais comprometido, bem como que grande parte da humanidade não possui consciência da gravidade de seus atos, e por este motivo poderá provocar ainda mais alterações no meio ambiente do que já causou até hoje (KRAPPENBAUER, 1992). Dessa forma, não só a fauna e a flora, como também o clima, o ar, os rios, os seres pertencentes a este meio serão afetados, provocando principalmente alterações na vida humana que podem ser irreversíveis se não freadas a tempo. Configura-se, portanto, a importância da Educação Ambiental, e mais precisamente da informação ambiental, para suprir tais necessidades de conhecimento da sociedade.

Entende-se informação como um fenômeno da comunicação humana ou uma forma de manifestação do conhecimento dotada de capacidade para transformar estruturas e sistemas coletivos de percepção da realidade (FREIRE, 1995). Denomina-se informação ambiental os dados, as informações, as metodologias e os processos de representação, reflexão e transformação da realidade, os quais facilitam a visão holística do mundo e que contribuem para a compreensão, análise e interação harmônica dos elementos naturais, humanos e sociais. É através da informação que a sociedade conhece os fatos, dados e métodos para intervir na atual situação. A informação ambiental é uma filosofia que cria valores, orienta julgamentos e determina ações que, a médio e longo prazo, afetam a sociedade como um todo (VIEIRA, 1986).

Amorim (2004) afirma que a informação ambiental é imprescindível para que a crise ambiental seja superada, no entanto é indispensável a atuação de um profissional da informação para que esta seja disseminada adequadamente e contribua para o desenvolvimento sustentável.

Entretanto, a ação bibliotecária diante da informação ambiental deve ir além de um simples serviço bibliográfico, incluindo um sistema de valores que norteiam o cidadão a ter uma atitude diante da vida e da sociedade. É através da informação ambiental que o

bibliotecário tem espaço para atuar politicamente, o que pode auxiliar na formação de uma consciência crítica e, assim, influenciar a população a defender a sobrevivência do próprio planeta (VIEIRA, 1986).

Nota-se que há uma preocupação quanto à influência que a biblioteca e o bibliotecário têm diante da sociedade, com destaque para a informação ambiental como um meio de revolucionar e dar poder à comunidade, bem como forma de transformação social e resistência aos sistemas preocupados apenas em lucrar com a exploração desenfreada dos recursos naturais.

2.1 SUSTENTABILIDADE

O termo sustentabilidade surgiu em 1972, na Conferência de Estocolmo, mas foi o relatório de Brundtland que aprofundou o debate acerca do seu conceito e objetivos. No entanto, foi somente na Conferência da ONU, Rio-92, que a expressão “desenvolvimento sustentável” se popularizou. Conforme Ferreira (2010) argumenta, sustentabilidade é a condição ou qualidade de algo que pode se sustentar, defender, manter ou conservar, enquanto para Dovers e Handmer (1992), a sustentabilidade é a capacidade que tem um sistema humano, natural ou misto de resistir ou se adaptar à mudança endógena ou exógena por tempo indeterminado.

Apesar de haver variadas definições para a expressão até os dias atuais, a mais aceita continua sendo a do relatório de Brundtland (1987), o qual afirma que o desenvolvimento sustentável é o ato de atender às necessidades do presente sem prejudicar as gerações futuras de atenderem as suas próprias necessidades.

O primeiro documento aprovado em conferência com diretrizes para o desenvolvimento sustentável foi a Agenda 21, composta por 40 capítulos que abrangem os mais variados temas sobre as questões socioambientais. Além da Agenda 21, no ano de 2000, surgiu a Declaração do Milênio, estabelecida pela ONU, que contou com o apoio de 191 nações, da qual derivaram 8 objetivos de caráter internacional cujo prazo para serem cumpridos era até o ano de 2015, os quais ficaram conhecidos como os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM). Esses objetivos garantiram e orientaram a tomada de decisões dos governos durante 15 anos. Após estes anos de ODM, foram identificados outros pontos que precisavam de reconhecimento. Assim, iniciou-se a era pós-2015, quando se realizou uma Assembleia Geral da ONU, da qual derivou a Agenda 2030, que é

constituída por 17 objetivos, sendo 169 metas instituídas nas três vertentes do desenvolvimento sustentável – econômico, social e ambiental – que indicam o caminho para alcançar a sustentabilidade (SILVA, 2018).

A partir do relatório de Brundtland, é possível observar os pilares que constituem a sustentabilidade: o pilar social, o econômico e o ambiental, que se complementam de forma holística. O pilar econômico está ligado à geração de renda; o social, à distribuição desta renda; e o ambiental, à preservação do planeta. No entanto, vem se discutindo a implantação de um quarto pilar, o cultural, que estaria ligado diretamente ao modo de como os indivíduos se relacionam e praticam as ações que constituem os outros três pilares (HAWKES, 2001).

A prática do desenvolvimento sustentável nos dias atuais é o maior desafio da sociedade, principalmente por esse período se caracterizar como o século do consumismo e do desenvolvimento econômico através da exploração dos recursos naturais. Portanto, a implantação de um quarto pilar para a sustentabilidade que estivesse relacionado estritamente à mudança do hábito da sociedade é totalmente viável, visto que a sustentabilidade é um processo sistemático e gradual.

A sustentabilidade é um objetivo de longo prazo e para isso é necessário que se expandam as ações em prol da mudança de comportamento dos cidadãos. Nesse sentido, estruturados a partir dos 8 ODM, têm-se os 17 ODS da ONU, que correspondem a um plano de ação para as pessoas, o planeta e a prosperidade, em busca do fortalecimento da paz mundial. Os ODS inauguraram uma nova fase para o desenvolvimento sustentável, visando integralizar os componentes essenciais para a sustentabilidade e o engajamento de todos os países em prol de um objetivo comum (SILVA, 2018).

2.2 CULTURA SUSTENTÁVEL

A cultura vem sendo considerada o quarto pilar da sustentabilidade, pois permite que, por meio dela, a sociedade fortaleça as formas tradicionais de disseminação do conhecimento. Assim, é utilizada como modo de assegurar a sustentabilidade na sociedade contemporânea, considerando que todos os tipos de relação humana desempenham um papel importante para a formação do indivíduo, pois contribuem deixando uma herança cultural (ASTARA, 2014).

A cultura é a transmissão de identidades, significados, conhecimentos, crenças, valores, aspirações, memórias, propósitos, atitudes e compreensão, portanto os valores de uma sociedade e a forma como ela expressa suas ações representam a sua cultura. A vitalidade cultural é tão essencial para uma sociedade sustentável quanto a própria economia, a defesa do planeta, e a equidade social. Aliás, através da cultura é possível manter os aspectos primordiais da sustentabilidade em andamento, por ser ela a base da sociedade.

Apesar dos benefícios que a transmissão da cultura pode proporcionar à sociedade, no contexto atual os valores não têm sido benéficos, pois vive-se na era do consumismo e da exploração desenfreada, e para uma sociedade tornar-se sustentável faz-se necessária a construção de uma cultura sustentável (HAWKES, 2001).

Os objetivos estipulados para a integração da cultura na sustentabilidade são a reestruturação, o desenvolvimento de indicadores culturais, o desenvolvimento de políticas específicas, as iniciativas instrumentais e a ação cultural (HAWKES, 2001). Dentre esses objetivos, existem três em que o profissional da informação pode contribuir efetivamente, que são a reestruturação da cultura, as iniciativas instrumentais e a ação cultural. A reestruturação cultural consiste em adaptar a cultura às mudanças contemporâneas, fazendo com que a cultura se torne um suporte para a transmissão do conhecimento empírico de valores sustentáveis; a iniciação instrumental é a forma como a cultura é exercida na sociedade; e a ação cultural é a participação ativa das comunidades na disseminação da cultura. Portanto, o bibliotecário pode exercer sua função em prol do desenvolvimento da cultura sustentável, cuja fundação, no entanto, depende de uma ação coletiva.

3 BIBLIOTECA ESCOLAR E O BIBLIOTECÁRIO NO CONTEXTO AMBIENTAL

De acordo com o manifesto publicado pelo IFLA (1999), a biblioteca escolar proporciona informação e ideias fundamentais para o cidadão ser bem-sucedido na sociedade atual, desenvolvendo nos estudantes, competências para a aprendizagem ao longo da vida, permitindo-lhes que sejam responsáveis, além de disponibilizar serviços e recursos que possibilitem a todos os seus usuários tornarem-se pensadores críticos. O manifesto define com clareza o conceito e o propósito da biblioteca escolar ao afirmar que

a biblioteca auxilia não só no aprendizado dos recursos informacionais, mas também no desenvolvimento do usuário quanto à cidadania.

Devido estar vinculada a uma instituição escolar, muitas vezes, a biblioteca é o primeiro contato que a criança e o adolescente têm com uma unidade de informação, a qual considera a matriz curricular e pedagógica da escola. Trata-se, portanto, de um instrumento fundamental para o auxílio na educação dos alunos, e base para a informação e formação dos professores (CÔRTE; BANDEIRA, 2011).

Martins e Karpinski (2018) argumentam que os serviços básicos da biblioteca escolar são essenciais para os estudantes desenvolverem sua imaginação e criatividade, sendo possíveis através da promoção do hábito da leitura que, conseqüentemente, fomenta a produção e a utilização das informações que são essenciais para o aprendizado e a apropriação do conhecimento.

Portanto, a biblioteca escolar precisa ser vista como ferramenta essencial no processo educativo, auxiliando no desenvolvimento de competências informacionais e contribuindo na construção do cidadão. “A biblioteca escolar habilita os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis” (IFLA, 1999, p. 1). Ressaltando a importância educativa da biblioteca escolar, Lourenço Filho (1944 *apud* VÁLIO, 1990) afirma que educação e biblioteca são complementares. Para ele, uma escola sem biblioteca é um instrumento imperfeito, assim como a biblioteca que não estimula o ensino é instrumento vago.

Queiroz (2006) propõe práticas educativas que ultrapassem o patamar da promoção da leitura e da escrita, da informação e da cultura, pois no século XXI a biblioteca escolar atinge um novo objetivo, o de contribuir na educação político-social da região onde está inserida. A biblioteca escolar, assim como as novas tecnologias, precisa sempre estar em atualização, para acompanhar o desenvolvimento mundial.

A missão da biblioteca escolar é “[...] disponibilizar serviços de aprendizagem, livros e recursos que permitam a todos da comunidade escolar tornarem-se pensadores críticos e utilizadores efetivos da informação em todos os suportes e meios de comunicação” (IFLA, 1999, p. 1). Diante desta afirmação, é possível notar que a biblioteca escolar possui características pedagógicas, que são expressas por meio de políticas interna e externa à escola. Tais políticas “deverão especificar o papel da biblioteca em relação ao programa escolar, aos métodos de ensino na escola, às necessidades de aprendizagem e de desenvolvimento pessoal” (MARTINS; KARPINSKI, 2018, p. 427).

Nesse sentido, Cardoso (2010) considera a biblioteca escolar um ambiente propício para implantação da educação ambiental, pois é o primeiro contato que as crianças e jovens têm com a informação sistemática, tornando mais fácil a implantação de novas atitudes. Além disso, a educação ambiental na biblioteca escolar pode ser trabalhada também com todos os públicos: alunos, pais, professores, funcionários e a comunidade ao redor.

De acordo com a Lei 9.795/1999, a educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal, sendo a biblioteca escolar ferramenta indispensável a qualquer estratégia de longo prazo.

E o bibliotecário, profissional que trabalha com a produção e gestão da informação, não se limita apenas às suas funções técnicas, mas também a uma gama de funções socioeducativas relacionadas ao aperfeiçoamento pessoal e profissional de um indivíduo. Assim, a atuação bibliotecária é a mais apropriada para auxiliar na formação crítica por estar relacionada ao desenvolvimento social, devendo acontecer nos mais variados ambientes, estando na biblioteca escolar a sua maior ênfase (SALES, 2004).

O bibliotecário é responsável pela gestão e pleno funcionamento da biblioteca. Entre as atividades básicas exercidas por ele na biblioteca escolar estão: conhecer o usuário e a necessidade de informação; organizar o acervo; dominar técnicas de acesso à informação; interagir com o corpo docente e coordenar projetos. Para atuar na biblioteca escolar, o bibliotecário deve ter competências para ensinar, planejar, entreter e desenvolver, no entanto, apenas a graduação em Biblioteconomia não garante ao profissional a formação de educador, é necessário que o bibliotecário busque formação para desempenhar tal papel.

Martins e Karpinski (2018) afirmam que o conhecimento exigido para que o bibliotecário supra as necessidades pedagógicas que exige a biblioteca escolar é alcançado, em geral, na prática, dentro do cotidiano da biblioteca.

Deste modo, a prática das habilidades e conhecimentos adquiridos pelo bibliotecário é de responsabilidade deles mesmos, pois há um distanciamento entre o que é aprendido na graduação e a prática dentro da biblioteca (FARIAS, 2010).

Farias (2010) argumenta a insuficiência da graduação, afirmando que o bibliotecário escolar não deve se limitar apenas aos conhecimentos obtidos na graduação,

mas, que ele precisa conhecer outras áreas do conhecimento, para melhorar cada vez mais a sua formação. Em relação às disciplinas ofertadas dentro do curso de Biblioteconomia, “torna-se vital redimensionar a formação básica de bibliotecário escolar, com inserção de mais disciplinas voltadas para a biblioteca escolar” (FARIAS, 2010, p. 80).

O exercício ético e comprometido na função de gestor da biblioteca faz com que esta ganhe visibilidade e espaço, pois a maior dificuldade da biblioteca escolar sempre foi a falta de profissional adequado para geri-la. Portanto, por estar inserido no contexto educacional, o que se espera do bibliotecário é que este busque conhecimentos que possam auxiliar na sua função dentro de uma biblioteca escolar, e mesmo que este recorra ao aperfeiçoamento do seu papel como educador, é preciso que tenha ciência da linha tênue entre bibliotecário e educador.

Afinal, mesmo desempenhando funções educativas, suas ações práticas são diferentes das que um educador escolar desempenha em sala de aula. Sua função educativa concentra-se na promoção das boas fontes de informação, subsidiando ao educando a fruição do conhecimento, ensinando-o a imaginar a partir da leitura e a habituar-se às ferramentas de conteúdo científico e literário (MARTINS; KARPINSKI, 2018, p. 438).

Desta forma, o bibliotecário só estará exercendo efetivamente o seu papel na biblioteca escolar quando decidir deixar o tecnicismo excessivo de lado e assumir conjuntamente com os professores, os alunos e a comunidade em geral, a reconstrução e transformação da biblioteca escolar. “Esse trabalho coletivo pode, inclusive, auxiliar no processo de mudança cultural sobre o imaginário construído em torno da biblioteca e do bibliotecário” (MARTINS; KARPINSKI, 2018, p. 439).

Nesse sentido, na biblioteca escolar são desenvolvidos projetos de diversas naturezas, incluindo os de educação ambiental, exemplificados no próximo item.

3.1 PROJETOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM BIBLIOTECAS ESCOLARES

A biblioteca escolar não é apenas um depósito de livros, mas o lugar onde os alunos possam aprender de forma descontraída, auxiliando na apropriação do conteúdo visto em sala de aula. Para isso, é necessário implantar mecanismos que possibilitem tornar-se um ambiente dinâmico e atraente, contemplando as necessidades de leitura e informação dos usuários, tendo como prioridade projetos de leitura como incentivo às ações integradas à prática pedagógica (FRAGOSO, 2005). É através de projetos de sensibilização ambiental

que o bibliotecário consegue exercer o papel de agente socializador na disseminação da informação ambiental, contribuindo na formação inicial de cidadãos conscientes.

Como exemplo de projetos implantados em bibliotecas escolares voltados à temática ambiental, apenas três foram identificados na literatura científica: Trilha ecológica, A Poluição do mundo e Biblioteca vai à praia, descritos a seguir:

a) Projeto “Trilha ecológica”

O Projeto ocorreu no ano de 2005 e teve como público-alvo os alunos da 1ª série do ensino fundamental da Escola Municipal Barão de Cerro Largo, localizada no município de Rio Grande. Foi realizado em três etapas. A primeira etapa correspondeu à conversa dentro da própria sala de aula para detectar o que os alunos sabiam acerca da temática a ser abordada. A segunda etapa foi o passeio na trilha ecológica, com cenário criado dentro do teatro da escola. Além do cenário, o passeio foi totalmente guiado pela narração de uma história criada pelas próprias autoras do artigo que usaram personagens já conhecidos da literatura infantil. E a terceira etapa do Projeto foi o debate sobre os assuntos abordados na trilha (MARTINS; CIPOLAT, 2006);

b) Projeto “A poluição do mundo”

O Projeto ocorreu no ano de 2016. Foi desenvolvido pela Etec Tenente Aviador Gustavo Klug, de Pirassununga – SP, com público-alvo formado por alunos do ensino médio técnico. Teve como objetivo estimular a participação dos alunos na biblioteca, através de projetos interdisciplinares com temas relevantes para a conscientização e construção de uma sociedade mais responsável.

O Projeto foi constituído por três fases. A primeira foi um ciclo de palestras, a segunda fase foi apresentação teatral encenada pelos próprios alunos da Etec. A terceira fase foi a realização de um concurso com objetivo de premiar os melhores projetos desenvolvidos pelos alunos e criados a partir de materiais descartados e recicláveis (BUTTIGNON *et al.*, 2017);

c) Projeto “Biblioteca vai à praia”

O Projeto é desenvolvido pela Escola Municipal Professor Helder Fialho Dias, localizada na ilha de Caratateua em Belém do Pará e já se encontra na sua 3ª edição com o tema “Diversidade cultural, de Caratateua para o mundo”. Tendo como público-alvo alunos do ensino fundamental, o Projeto busca incentivar a leitura, promover os trabalhos desenvolvidos pela biblioteca da escola e orientar a população quanto às questões ambientais.

O Projeto conta com várias atrações, como contação de histórias, apresentação teatral, oficinas, exposição de cartazes, ônibus-biblioteca itinerante do Centro Cultural e Turístico Tancredo Neves (CENTUR), além de diversas atrações culturais, como grupos folclóricos de dança do município (LIMA, 2019).

A responsabilidade de disseminar informação ambiental não cabe somente aos ambientalistas, mas a todos, pois é necessário ter em mente que a educação ambiental precisa ser realizada primeiramente em âmbito local para expandir-se ao global. Por isso, a inserção de projetos nas bibliotecas escolares é um meio para cativar a atenção dos usuários quanto a sua realidade local (MARTINS; CIPOLAT, 2006).

As vantagens da implantação de projetos é que não necessitam de tantos recursos financeiros, podendo ser feitos de acordo com a criatividade de cada bibliotecário e da equipe envolvida. Para a elaboração dos projetos, pode-se considerar desde a comemoração de um dia específico com a contação de histórias voltadas para o tema até a realização de concursos como mostrado no projeto “A poluição do mundo”. Cabe ao bibliotecário desenvolver atividades que envolvam toda a instituição, levando entretenimento e informação à comunidade como um todo.

4 METODOLOGIA

O objeto de estudo proposto é a educação ambiental aplicada à biblioteca escolar. Em relação à natureza da pesquisa, é básica, pois busca o progresso científico e a ampliação de conhecimentos teóricos (SILVA, 2015).

Quanto à forma de abordagem do problema, é qualitativa porque objetiva gerar conhecimentos para a solução de problemas específicos (PRODANOV; FREITAS, 2013).

A pesquisa tem o objetivo de coletar informações para auxiliar as futuras investigações sobre o tema proposto e aumentar as discussões a respeito deste, portanto é uma pesquisa exploratória.

O procedimento é de caráter bibliográfico, porque se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos ou digitais, como livros, artigos, teses etc. (SEVERINO, 2007), para identificar o que já foi publicado sobre o assunto e os estudos mais recentes, a fim de localizar possíveis projetos já estabelecidos dentro do tema abordado.

O artigo é uma revisão da literatura, com levantamento bibliográfico foi feito em fontes conceituadas, tais como Scientific Eletronic Library Online (SciELO), Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), Periódicos CAPES, e para uma maior abrangência foi utilizado também o Google Acadêmico. Delimitou-se a pesquisa de 1972 a 2019, quando se iniciaram os primeiros questionamentos sobre sustentabilidade até os tempos atuais. Quanto aos termos, foram utilizados “meio ambiente”, “biblioteca escolar”, “desenvolvimento sustentável”, “educação ambiental” e “biblioteconomia”, considerando a utilização dos termos em português, inglês e espanhol.

5 CULTURA SUSTENTÁVEL A PARTIR DA BIBLIOTECA ESCOLAR: O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO

Por décadas, o bibliotecário dedicou-se somente a atividades técnicas focadas na manutenção e na organização restrita de bibliotecas. Não é à toa que ainda hoje é rotulado por ser o profissional incumbido somente da organização física de livros. Com os avanços tecnológicos, o bibliotecário foi obrigado a se adequar às necessidades informacionais da sociedade, e com a sede da população por conhecimento a principal ferramenta de trabalho do bibliotecário tornou-se a informação, independentemente do suporte. Além das atividades já desenvolvidas desde os primórdios, o bibliotecário precisou adquirir novas competências com base na realidade social, política e educacional da sociedade, tornando-se um agente multiplicador de ideias e de transformação cultural (CARDOSO, 2010).

A principal missão de toda biblioteca é disponibilizar o acesso à informação, no entanto, as urgências nacionais não podem passar despercebidas aos olhos do bibliotecário, pois a biblioteca como locus de acesso à informação tem sua parcela de responsabilidade na contribuição da alfabetização ecológica¹ da sociedade. A biblioteca escolar em específico é um importante instrumento para a alfabetização ecológica, pois seu público-alvo são os usuários que futuramente catalisarão as ideias sustentáveis (SANTOS; VILELA, 2017).

¹ Alfabetização ecológica é um processo de aprendizagem que torna o aluno capaz de compreender o ambiente ao seu redor, fazendo com que assimile todos os aspectos ecológicos e a importância de viver conforme os princípios básicos da sustentabilidade. A alfabetização ecológica desenvolve o sentimento de pertencimento ao meio em que se vive, fomentando a busca por soluções dos problemas ambientais (SANTOS; VILELA, 2017).

No entanto, somente a prática das atividades em educação ambiental não garante a formação de uma atitude ecológica efetiva, pois muitas vezes só fazem com que os alunos reproduzam as ações dentro do ambiente escolar. Para que as atitudes ecológicas e cidadã sejam incorporadas à sociedade, é necessária a aplicação de um sistema de valores com o objetivo de desenvolver a capacidade de sensibilização, a fim de identificar e compreender os problemas ambientais e mobilizar-se no intuito de comprometer-se a solucionar ou amenizar o problema (CARVALHO, 2004).

O desafio da educação ambiental no século 21 é desenvolver uma cultura com bases em atitudes ecologicamente corretas para que as gerações futuras possam adquirir valores sustentáveis. Com base nas dificuldades em efetivar a sustentabilidade na sociedade, surgiu a chamada “cultura sustentável”, que se configura através de ações sustentáveis contínuas que uma geração transmite para outras através de conhecimento empírico.

A sustentabilidade deve transcender do local para o global, partindo do individual para o coletivo e vice e versa, de modo que as trocas de conhecimentos e experiências sejam aproveitadas ao máximo. Portanto, a sustentabilidade, quando trabalhada dentro da biblioteca escolar no contexto local, contribui para que o usuário se sinta parte do processo e incentiva as ações visando à mudança global (SANTOS; VILELA, 2017). Dentre os aspectos da cultura sustentável, há três em que o bibliotecário escolar pode atuar para auxiliar a implantação desta cultura a partir da biblioteca escolar, propostas por Hawkes (2001), a saber: reestruturação cultural, iniciação instrumental e ação cultural.

A **reestruturação cultural** consiste na reformulação da cultura atual, pois para que uma sociedade seja sustentável é preciso que sua cultura seja constituída de bases sustentáveis (HAWKES, 2001).

Para Gadotti (2000, p. 250), cabe à escola “organizar um movimento global de renovação cultural”, aproveitando toda a gama de informação disponível. Neste contexto, a biblioteca escolar é considerada um instrumento que proporciona a informação e auxilia na formação de novas ideias e conceitos para o crescimento pessoal, social e cultural. Dessa maneira, tem como um de seus objetivos a defesa da liberdade intelectual e o acesso à informação para a construção de uma cidadania efetiva e responsável visando à participação democrática (IFLA, 1999). Inserido no contexto educacional, o bibliotecário é o mediador da informação, entendida como o ato de interferir de forma “direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que

propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional” (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 92).

A mediação da informação está presente em todas as ações do bibliotecário e acontece desde a organização da informação através das técnicas de classificação e catalogação até a disponibilização da informação para o usuário; é um meio de colaborar para a disseminação da informação (ALMEIDA JÚNIOR; SANTOS NETO, 2014). Bortolin (2010) afirma que a mediação é uma prática presente no cotidiano da biblioteca escolar, não sendo uma ação neutra, pois permite que o profissional responsável pela mediação seja influenciado pelo usuário, assim como que o usuário seja influenciado pelo profissional. Permite também que o bibliotecário não se prenda somente ao produto, mas que reflita quanto à melhor maneira de levar o produto ao usuário.

É através desta técnica de “interferência” que o bibliotecário pode contribuir para a reformulação da cultura, levando ao usuário a possibilidade de apropriação da informação para gerar novos conceitos e ideias sobre o meio em que vive, auxiliando a construção de novos modos através do conhecimento adquirido com a informação ambiental.

Quanto à **iniciação instrumental**, esta é a forma como a cultura sustentável será implementada na sociedade, levando em consideração a vitalidade e a autenticidade que a cultura em si tem para atrair os seus possíveis catalisadores (HAWKES, 2001).

A biblioteca escolar exige ser um ambiente atrativo e dinâmico, pois o ambiente físico também influencia as cognições, sentimentos e ações desenvolvidas pelo ser humano (BORTOLIN, 2010), e para a construção deste ambiente as técnicas de mediação também são essenciais. Almeida Júnior (2009) classifica a mediação como implícita e explícita. A mediação implícita consiste em todas as atividades desenvolvidas em prol do usuário, mas que não necessitam do contato direto com ele, como exemplo, o processamento técnico da informação. A mediação explícita acontece nas atividades em que o bibliotecário tem contato direto com o usuário, como no caso do serviço de referência e todos os projetos de leitura desenvolvidos dentro da biblioteca.

Dentre os objetivos da biblioteca escolar voltados para a iniciação instrumental estão “proporcionar oportunidades de produção e utilização da informação para o conhecimento, compreensão, imaginação e divertimento” (IFLA, 1999, p. 2) e “organizar atividades que favoreçam a tomada de consciência cultural, social e a sensibilidade” (IFLA, 1999, p. 2), portanto, é dever do bibliotecário escolar desenvolver atividades que

estimulem o conhecimento através do lazer e recreação, todavia, não deve se prender apenas às matérias curriculares, mas também às ações que favoreçam a construção de uma consciência crítica.

A forma que o bibliotecário utiliza para levar a informação ambiental para os usuários caracteriza-se como instrumentos para a iniciação da cultura sustentável. São vários os meios pelos quais essa informação pode ser disseminada, como exemplos estão os projetos “Trilha ecológica”, que utilizou o teatro e a contação de história para envolver os usuários, e “A poluição do mundo”, que atraiu os usuários através de palestras e concurso de produtos utilitários feitos a partir de reciclagem. No entanto é necessário que o perfil mediador esteja enraizado na atuação do bibliotecário, para inovar e deixar o ambiente mais agradável, alegre e atrativo para o usuário da biblioteca escolar.

A **ação cultural** corresponde a ações que mobilizam cidadãos de um local específico e promovem a participação ativa da comunidade em determinadas atividades de lazer (HAWKES, 2001).

Apesar de a biblioteca escolar estar inserida em um ambiente institucional, os usuários não se limitam aos estudantes e professores, mas abrangem também os pais, os servidores e a comunidade ao redor (CÔRTE; BANDEIRA, 2011). São objetivos da biblioteca escolar relacionados à ação cultural: “providenciar acesso aos recursos locais, regionais, nacionais e globais e às oportunidades que exponham os estudantes a ideias, experiências e opiniões diversificadas” (IFLA, 1999, p. 2), e “promover a leitura e os recursos e serviços da biblioteca escolar junto à comunidade escolar e do meio” (IFLA, 1999, p. 2). Portanto, o bibliotecário fornece informação a toda a comunidade em que a escola está inserida, sem se limitar aos muros da escola.

A escola é o lugar ideal para a realização de trabalhos comunitários, sendo possível a realização de eventos ampliados à comunidade, visando à interação dos cidadãos com a informação agregada à sua realidade local (SANTOS, 2015). Um exemplo de ação cultural é o projeto “Biblioteca vai à praia”, que ampliou os serviços da biblioteca escolar à comunidade, levando informação, educação e lazer para auxiliar na sensibilização dos cidadãos quanto à preservação do meio ambiente, colocando-os frente a frente com a realidade local.

Neste sentido, a biblioteca escolar é um espaço de produção de cultura e não apenas consumidora, enquanto, o bibliotecário atua no processamento da cultura. Portanto, “é essencial que se comprometa ativamente nos projetos políticos e sociais da

comunidade na qual está inserida, no sentido de gerar uma integração de forma que todos trabalhem em conjunto” (CAVALCANTI; ARAUJO; DUARTE, 2015, p. 22). Assim, o bibliotecário exerce sua função social a partir do momento em que ele proporciona ao usuário a possibilidade de crescimento pessoal e disponibiliza seus direitos e deveres como cidadão, tornando-os seres pensantes críticos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a crise ambiental causada no planeta pela própria sociedade, a educação ambiental deixou de ser assunto restrito aos ambientalistas e passou a ser um tema que diz respeito a todos os profissionais, pela questão ética que envolve. O profissional da informação carrega consigo a responsabilidade social de disseminar a informação ambiental para orientar a população e despertar a consciência crítica do cidadão, alavancando o interesse da sociedade nas questões ambientais e contribuindo para futuros projetos e pesquisas na área.

Ao analisar como o bibliotecário pode contribuir para a construção de uma cultura, foi possível observar que existem diversos meios que o bibliotecário pode utilizar para expandir a informação ambiental, que começa desde a seleção de material atualizado para compor o acervo até a promoção de diversos projetos para captar o interesse dos usuários. No contexto da biblioteca escolar, é possível notar que o bibliotecário pode atingir além da comunidade escolar, expandindo os serviços da biblioteca para a comunidade ao redor, entretanto, é necessário que o bibliotecário estabeleça parcerias com os gestores e professores, a fim de que os projetos possam se alinhar com a educação dada em sala de aula, para, assim, complementarem-se.

Foi possível notar que ainda há poucos relatos de experiência na produção científica sobre casos e projetos voltados à educação ambiental desenvolvidos nas bibliotecas escolares, o que não se pode afirmar que as escolas e suas bibliotecas não realizem ações para esse fim.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez. 2009. Disponível em:

<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/ixenancib/paper/viewFile/3037/2163>. Acesso em: 8 nov. 2019.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F.; SANTOS NETO, J. A. Mediação da informação e a organização do conhecimento: inter-relações. **Informação & Informação**, v. 19, n. 2, p. 98-116, 2014. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/33565>. Acesso em: 12 nov. 2019.

AMORIM, R. R. A responsabilidade social dos profissionais da informação e a preservação do meio ambiente. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE INFORMAÇÃO, 2004. Cuba. **Anais...** Cuba: IDICT, 2004. Disponível em: <https://silo.tips/download/a-responsabilidade-social-dos-profissionais-da-informacao-e-a-preservacao-do-meio>. Acesso em: 27 maio 2021.

ASTARA, O. H. Culture as The Fourth Pillar Of Sustainable. **Journal sustainable development, culture, traditions**, v. 2, p. 93-102, 2014. Disponível em: <http://sdct-journal.com/index.php/2015-10-18-22-23-19/2014-volume-2-a/351-culture-as-the-fourth-pillar-of-sustainable>. Acesso em: 18 nov. 2019.

BRASIL. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília, 1999. Disponível em: <http://www.2.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=321>. Acesso em: 28 jun. 2019.

BRUNDTLAND, G. H. **Nosso Futuro Comum**: [relatório da] Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Rio de Janeiro: FGV, 1987.

BUTTIGNON, K. et al. **Aprendizagem por projeto para o desenvolvimento da ciência e conscientização ambiental**. In: MAGNONI JÚNIOR, L. JC na escola ciência, tecnologia e sociedade: mobilizar o conhecimento para alimentar o Brasil. 2.ed. São Paulo: Centro Paula Souza, 2017. p. 489-498. Disponível em: <http://www3.ibb.unesp.br/wp-content/uploads/2017/11/SNCT-2016-E-book-JC-na-Escola-Mobilizar-o-Conhecimento-para-Alimentar-o-Brasil-Edi%C3%A7%C3%A3o-fnal.pdf> Acesso em: 26 out. 2019.

CARDOSO, N. B. A contribuição do bibliotecário para a educação ambiental. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.15, n. 2, p.140-162, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/34438>. Acesso em: 30 jun. 2019.

CARVALHO, I. C. M. **Educação Ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2004.

CASCINO, F. **Educação Ambiental**: princípios, história, formação de professores. 4.ed. São Paulo: Editora SENAC, 2007. 109 p.

CAVALCANTI, I. B.; ARAÚJO, C. S.; DUARTE, E. N. O bibliotecário e as ações culturais: um campo de atuação. **Biblionline**, v. 11, n. 1, p. 21-34, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/16279>. Acesso em: 22 nov. 2019.

CÔRTE, A. R.; BANDEIRA, S. P. **Biblioteca Escolar**. Brasília: Editora Briquet de Lemos, 2011.

DOVERS, S. R.; HANDMER, J. W. Uncertainty, sustainability and change. **Global Environmental Change**, v. 2, Ed. 4, p. 262-276, 1992. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/0959378092900448>. Acesso em: 27 maio 2021.

FARIAS, C. M. **Bibliotecário escolar e competência**: análise da prática profissional. 2010.143 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Santa Catarina,

Florianópolis. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/93539/279828.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 30 maio 2021.

FRAGOSO, G. M. Biblioteca na escola – uma relação a ser construída. p. 169-173. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 10, n. 2, p. 169-173, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/75971>. Acesso em: 25 out. 2019.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artes médicas Sul, 2000.

HAWKES, J. **The Fourth Pillar of Sustainability: Culture's Essential Role in Public Planning**. Australian: Common Ground, 2001. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/200029531_The_Fourth_Pillar_of_Sustainability_Culture's_essential_role_in_public_planning. Acesso em: 22 nov. 2019.

IFLA. **School library manifesto**. Disponível em: <https://www.ifla.org/publications/ifla-unesco-school-library-manifesto-1999>. Acesso em: 30 jun. 2019.

KRAPFENBAUER, A. O ser humano e o meio ambiente: uma crise sem saída?. **Ciência Florestal**, v. 2, 1992. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-50981992000100141&lang=pt. Acesso em: 17 set. 2019.

LIMA, T. **Projeto Biblioteca vai à praia incentiva a leitura em Outeiro**. Agência Belém, 2019. Disponível em: <http://agenciabelem.com.br/Noticia/199794/projeto-biblioteca-vai-a-praia-incentiva-a-leitura-em-outeiro>. Acesso em: 25 out. 2019.

MARTINS, S.; KARPINSKI, C. Interdisciplinaridade e formação do bibliotecário para atuação em bibliotecas escolares. **Informação & Informação**, v. 23, n. 1, p. 424-449, 2018. DOI: 10.5433/1981-8920.2018v23n1p424. Acesso em: 22 nov. 2019.

MARTINS, M. S.; CIPOLAT, S. O bibliotecário como agente socializador na disseminação da informação sobre Meio Ambiente: relato de experiência. **BIBLOS**, v. 18, p. 179-187, jan. 2006. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/91>. Acesso em: 22 set. 2019.

MOUSINHO, P. Glossário. In: TRIGUEIRO, A. (Coord.). **Meio ambiente no século 21**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. 2015. Disponível em: [https://www.undp.org/content/dam/brazil/Agenda2030-completo-site%20\(1\).pdf](https://www.undp.org/content/dam/brazil/Agenda2030-completo-site%20(1).pdf). Acesso em: 03 dez. 2019.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUEIROZ, S. P. Information Literacy: uma proposição expressiva para a biblioteca escolar. In: SILVA, R. J.; BORTOLINO, S. (Org.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006. p.120. (Coleção palavra-chave, vol. 17).

SANTOS, R. M. (Org.). **Educação ambiental na escola**. Tupã: ANAP, 2015. Disponível em: <https://www.amigosdanatureza.org.br/biblioteca/livros/bd82cec7bb5801f49c7206a8a0892c/2d5278b057566a696ccff8d31ae5895b/ODk=>. Acesso em: 11 nov. 2019.

SANTOS, A. P.; VILELA, B. P. Ações da biblioteca para promoção do conceito de desenvolvimento sustentável. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, p. 411-423, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/1835>. Acesso em: 20 nov. 2019.

SALES, F. O ambiente escolar e a atuação bibliotecária: o olhar da educação e o olhar da biblioteconomia. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 9, n. 18, p. 40-57, 2004. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/37775>. Acesso em: 27 out. 2019.

SARTORI, S.; LATRONICO, F.; CAMPOS, L. M.S. Sustentabilidade e desenvolvimento sustentável: uma taxonomia no campo da literatura. **Revista Ambiente e Sociedade**. São Paulo, v. 17, n. 1, p. 01-22, março de 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2014000100002&lng=en&nrm=iso. Acesso em 18 nov. 2019.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007. 304 p.

SILVA, A. M. **Metodologia da pesquisa**. 2. ed. rev. Fortaleza: EDUECE, 2015. Disponível: http://www.uece.br/computacaoead/index.php/downloads/doc_download/2112-metodologia-da-pesquisa. Acesso em: 5 jun. 2019.

SILVA, E. R. A. (Coord.). **Agenda 2030: ODS – Metas nacionais dos objetivos de desenvolvimento sustentável**. Brasília: IPEA, 2018. 538 p. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/8855>. Acesso em: 28 jun. 2019.

VÁLIO, E.B.M. Biblioteca escolar: uma visão histórica. **Transinformação**, v. 2, n.1, 1990. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/23328>. Acesso em: 30 jun. 2019.

VIEIRA, A. S. Pra não dizer que não falei de flores: uma proposta ecológica para biblioteconomia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v.15, n.2, 1986. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/76401>. Acesso em: 30 jun. 2019.

Recebido em: 23 de maio de 2020
Aprovado em: 12 de junho de 2021
Publicado em: 12 de junho de 2021